

A construção da personagem Raíza em *Verão no Aquário*

Mestranda Midiã Ellen White de Aquino (UFRN)
Prof^a. Doutora Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

Resumo:

Este artigo analisa a construção da personagem no romance Verão no Aquário (1963), de Lygia Fagundes Telles (1923 –), no intuito de compreender como o eu da protagonista Raíza é constituído a partir das tensões familiares e afetivas. Essa personagem, que sofre pela ausência de afeto, de atenção e de diálogos, frequentemente evoca o passado, explorando as camadas da memória à procura de respostas para os constantes desencontros afetivos. Presa a lembrança do falecido pai, Raíza habita entre o luto e a melancolia resultando daí o hábito de guardar objetos com os quais mantém um vínculo afetivo que sempre a conduz à rememoração. São os objetos simbólicos e as imagens que proporcionam o desvelamento do interior da personagem e, portanto, a compreensão da sua construção.

Palavras-chave: Personagem. Luto. Melancolia. Memória. Símbolos.

1 Introdução

Reveste sua espantosa solidão com o distanciamento precavido e prudente, disfarça sua sede de carinho com a máscara da frieza e estende, entre ele e os demais uma terra de ninguém intransponível para que não se conheçam as feridas da sua alma.

(Enrique López Castellón)

As personagens lygianas, tanto nos contos como nos romances, são em sua essência marcadas pela complexidade na sua construção. Em uma prosa rica de imagens e poesia, a escritora Lygia Fagundes Telles cria personagens que nunca são completamente boas ou totalmente más; isso porque suas criaturas são tão verossímeis que semelhantes aos seres humanos oscilam entre o bem e o mal, entre as regras da boa conduta social e o desejo de não segui-las. São indivíduos fragmentados, nunca completos, que buscam assim como o próprio homem moderno encontrar-se em meio ao turbilhão do caótico mundo contemporâneo.

Antonio Candido (2002), em seu ensaio sobre *A personagem do romance*, nos mostra que os seres ficcionais, devido à lógica estabelecida pelo escritor desde o início do romance, são mais perceptíveis do que os seres humanos. Isso porque o conhecimento que temos do Outro nunca é completo, o interior da alma humana sempre é exposto por “fragmentos do ser”, que percebemos em distintos momentos de interação. Por isso o autor nos aponta esse desejo de descobrir o Outro como “uma aventura sem fim”. No entanto, como essa complexidade humana (esse mundo interior não revelado) é representada nas personagens de ficção? O próprio Candido (2002, p. 59) nos explica que por meio dos recursos de caracterização “o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza”, portanto, um ser tão complexo como o ser humano

apesar de termos todas as justificações do seu eu ante os nossos olhos, materializadas no livro.

Em *Verão no Aquário* (1963) há uma variedade de personagens esféricas, que não se deixam perceber no primeiro olhar, na primeira leitura, que são, como diz Candido (2002, p. 63), “capazes de nos surpreender” a cada página, a cada novo parágrafo. São personagens imprevisíveis como os seres humanos, que trazem “a vida dentro das páginas” do romance. Dividido em quinze capítulos, o romance traz um tenso ambiente familiar, o enredo conta a história da desordem afetiva e doméstica de Raíza, uma jovem que não consegue se desligar do passado porque este conserva a presença do falecido pai, nem manter uma relação de cumplicidade com a mãe, escritora de sucesso que está constantemente trancada em seu escritório presa à máquina de escrever e por isso distante da filha. Nessa atmosfera conturbada de desencontros familiares, ainda habita a dúvida de um possível envolvimento amoroso entre a mãe da protagonista e o jovem enigmático, quase padre, André, paixão platônica de Raíza. Entre suspeitas e desentendimentos forma-se o triângulo amoroso que intensifica o conflito entre mãe e filha, as quais representam duas gerações com anseios e perspectivas diferentes. Enquanto a matriarca, Patrícia, representa a serenidade e a postura de uma gênese conservadora, Raíza apresenta o perfil de uma nova geração, de uma juventude em plena liberdade de expressão, que se entrega aos exageros do álcool, das drogas, do sexo e das festas. Publicado nos anos 60, esse segundo romance de Lygia Fagundes Telles retrata por meio das personagens toda a efervescência da juventude e o conflito entre as gerações desse momento histórico no Brasil. A heroína é o retrato de uma parte dessa mocidade, que mesmo vivenciando um período de intensa participação política dos jovens, se entrega ao tédio, ao vazio, apenas assistindo aos eventos exteriores, sem se envolver, voltando-se sempre para o seu mundo interior. Assim sendo, para esse trabalho temos por objetivo analisar como se dá a construção da protagonista Raíza, buscando compreender como as relações familiares e afetivas influenciam na construção do seu eu.

Dona de uma intensa vida interior, Raíza também tem o papel de narradora da história, por isso grande parte do enredo se passa dentro da personagem, nas suas lembranças, dúvidas, e inconstâncias. Dividida entre as recordações do pai morto e a atmosfera de desentendimento com a mãe, a heroína desliza entre o luto e a melancolia, estados da alma que nesse romance são desencadeados por meio de imagens e de símbolos, os quais nos fazem perceber na personagem o desvelar de uma personalidade narcisista, conforme discorreremos no tópico seguinte.

2 Da perda à ambivalência: a constituição do eu ante as tensões familiares

A melancolia, que segundo Freud (2011), é um sentimento de dor profunda que machuca o eu e o corrói deixando-o em um estado de apatia ante o mundo, é também, assim como o luto, uma reação à perda de um objeto amado. Contudo, diferente do luto, na melancolia esse sentimento de perda é idealizado, uma vez que o “objeto não é algo que realmente morreu, mas se perdeu como objeto de amor” (idem, p. 51). O melancólico sente a perda, mas não sabe o que de fato foi perdido. Enquanto no luto o mundo se torna vazio porque o ser amado faleceu, na melancolia o oco é no próprio eu. Isso ocorre porque há uma identificação de base narcisista do ego com o objeto perdido, e a perda deste se converte em perda do ego.

Nessa fase narcisista da melancolia “a perda do objeto de amor é uma oportunidade extraordinária para que entre em vigor e venha à luz a ambivalência das relações amorosas” (FREUD, 2011, p. 65). Na ambivalência emocional o eu funde-se ao Outro, resultando daí uma guerra entre os sentimentos de amor e ódio em torno do objeto que ao mesmo tempo volta-se para o próprio ego. Daí os sentimentos de autopunição, de acentuado descontentamento contra si mesmo que sentem os melancólicos serem, na realidade, recriminações contra o objeto amado, isto é, “tudo de depreciativo que dizem de si mesmos no fundo dizem de outrem” (idem, p. 59). Por essa razão a melancolia é mais duradoura do que o luto: enquanto este é encerrado no momento em que sobrevém a aceitação da perda, aquela não se desliga fácil da consciência. Freud (2011, p. 83) esclarece que da mesma maneira “como o luto leva o ego a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo-lhe como prêmio permanecer vivo” uma possibilidade para o fim da melancolia talvez esteja na desvalorização do objeto amado, “rebaixando-o, como que também matando-o”.

No romance *Verão no Aquário*, podemos observar essa correlação entre o luto e a melancolia na construção da personagem Raíza, a qual surge na trama da obra como um ser fictício com características difíceis de serem categorizadas de imediato por ser uma heroína cheia de dramaticidade e de profundidade. Uma personagem que se mostra e ao mesmo tempo se esconde; isso porque ela está constantemente simulando: Raíza “representava o tempo todo” (TELLES, 2010, p. 130). E desse jogo de simulações, observamos na protagonista várias faces das quais algumas podem ser verdadeiras, enquanto outras não. Faces que estão sempre procurando o espelho, em busca do verdadeiro eu, mas, que ao invés de olharem para si, miram o Outro. Em alguns momentos o Outro surge como o objeto amado e perdido, ou seja, o pai Giancarlo, e, em outros, como objeto amado e ao mesmo tempo odiado, isto é, Patrícia, a sua mãe.

Embora os fatos do romance se passem em pleno verão, período de sol, luz, energia e alegria, a protagonista, marcada pelo luto, pela dor da perda do pai, de um lado, e pela melancolia, fruto da ambivalência pela mãe, de outro, é seduzida pela escuridão dos lugares fechados. Freud (2011) nos mostra em *Luto e melancolia* que esse desinteresse pelo mundo exterior é um dos elementos que caracterizam o ser enlutado ou melancólico, porque não há uma aceitação da perda do objeto amado e como reação a isso ocorre um distanciamento de qualquer atividade ou pensamento que o afaste do objeto. É o que percebemos em Raíza a qual se prende a figura paterna por meio das constantes lembranças e dos sonhos, trancando-se em seu refúgio interior e isolando-se de tudo que se encontra fora da sua redoma de vidro, do seu aquário.

Ele veio vindo silenciosamente. Inclinou-se sobre a minha cama. Seus dedos transparentes quase tocaram no meu ombro: “Raíza, Raíza!”. Tinha uma rosa em lugar do rosto, mas o hálito adocicado era de hortelã. Papai, você bebeu outra vez! Tive vontade de dizer-lhe. Foi quando senti um perfume moribundo de rosas e lembrei-me então de que ele tinha morrido. Quis abraçá-lo, paizinho, que saudade, que saudade!...

Quando ergui os braços ele já tinha desaparecido. Senti o travesseiro úmido de lágrimas. Contudo, fora um bom sonho. [...]

Voltei-me para a porta por onde ele entrara. Estava fechada. Na escuridão do quarto, só a porta tinha o contorno marcado pela frincha de luz que se filtrava por baixo: era como a tampa do enorme caixão de um enterrado vivo acordando com a noite em redor. E vendo pelas frestas o sol a brilhar lá fora (TELLES, 2010, p. 13).

A memória era o abrigo secreto da protagonista, o esconderijo do seu melhor tempo e do qual ela não queria se desprender. Na memória estavam conservadas as lembranças da infância, do pai, da casa da família, do sótão, da fonte: “Só me restava a infância, embora de todos esses anos somados tivessem ficado apenas algumas horas de alegria, mais nada” (TELLES, 2010, p. 64). Mas Raíza não guardava somente recordações, a moça tinha mania de colecionar objetos como retalhos de seda, pedras, caixas, cartas, fotografias. Fossem escondidos em bolsos, na infância, ou em gavetas, já adulta, esses objetos sempre aparecem relacionados aos laços familiares e afetivos da personagem, assim como os artefatos que compõem os espaços da narrativa. São espelhos, baús, relógio que não funciona, passarinho empalhado, cravos, quadros, isto é, objetos simbólicos que como pequenas peças de um quebra-cabeça vão dando forma ao enredo, e estímulo às reminiscências da protagonista. Ao contemplá-los, Raíza revoca o passado e a partir deles o presente da narrativa torna-se compreensível, uma vez que, conforme nos esclarece Régis (2009, p. 113), para a personagem a “memória guarda o valor dos objetos circundantes. Uma casa e seus agregados, um pequeno mundo alienado no qual a protagonista luta para manter-se ‘na tona d’água’”.

Lembrava-me agora, com uma nitidez dolorida, da discussão que certa madrugada surpreendi entre eles, quando acordei com os soluços dela: “Giancarlo, estou exausta, está me ouvindo? Estou exausta...”. Ele respondeu engroladamente, não pude entender o que dizia. Fechou-se uma porta. As vozes então ficaram confusas mas havia nelas tamanho desespero que fui tomada de pânico e desatei a chorar. Tive pena dele. E só com ele me preocupei nos dias que se seguiram, quando não o vi mais sair de casa. Nem me presentear com aquelas caixinhas e anúncios de remédios que eu costumava colecionar (TELLES, 2010, p. 40).

Ao recordar a figura paterna, a personagem traz à tona todos os conflitos da relação conjugal dos pais e de todo o seu sofrimento como filha de um casal em crise. Das suas reminiscências e reflexões sobre o seu lar, Raíza nos coloca diante do retrato de uma família burguesa em decadência: um pai que antes de falecer fora alcoólatra e fracassado nos negócios, um tio louco, uma tia inerte que não conseguira nenhuma conquista na vida, uma prima repleta de problemas e uma mãe fria, distante, sempre reservada, trabalhando em seus romances no escritório. Eis a fotografia de “uma família frágil, sem representação social, que viveu um ‘desastre financeiro’, mas disposta a cultivar a memória da tradição que invade o imaginário e se reproduz nos lugares fixos que cada um ocupa na casa antiga, de onde foram desalojados” (RÉGIS, 2009, p. 113). Contudo, era necessário manter as aparências, mesmo que a última herança da família fosse o vazio, a solidão.

A reação da heroína a essa decadência é a de ataque àquela que seria a culpada por toda a sua infelicidade: Patrícia. Seduzida pelo lado mais fraco da família (paterno), Raíza culpa a mãe pelo fracasso do pai, o qual o levou da tristeza profunda à morte. Sentimentos de rejeição, rivalidade, aversão, mas também de ternura intensa perpassam a protagonista que mantém durante todo o romance uma guerra interior com a matriarca. Todavia, dessa batalha interior de Raíza, observamos uma identificação com a mãe e, de igual modo, o ódio que é direcionado a esta se volta ao próprio eu da personagem. Identificação a qual Freud (2011, p. 67) chama de narcisista, nos explicando que “se o amor pelo objeto se refugiou na identificação narcísica, o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, insultando-o, humilhando-o, fazendo-o sofrer e ganhando nesse sofrimento uma satisfação sádica”. Nesse sadismo o ego agride a si mesmo quando fere o Outro. É perceptível em

Raíza essa satisfação em investir contra Patrícia, em torturá-la pela morte do pai e ao mesmo tempo se sentir culpada por machucá-la.

Bati nos joelhos com os punhos fechados. Por que eu dissera aquilo a minha mãe? Por quê? Era como se ao meu lado houvesse outra Raíza a me vigiar para que não esmorecesse nunca, para que prosseguisse agredindo porque assim tínhamos decidido. “Agrida para não ser triturada” dizia essa outra. Mas que esperança podia haver nessa luta? E o que impelia a luta? O ódio? O amor? (TELLES, 2010, p. 71).

No sofrimento e na autopunição da protagonista pelo seu comportamento hostil contra a mãe a personagem demonstra o imenso amor que sente por sua progenitora. A jovem heroína vivencia um amor carregado de dor, um amor masoquista, que mesmo sendo tão profundo não a impede de ser cruel. E é desse lado perverso que Raíza almeja se libertar no transcorrer do enredo; ela tenta reagir contra essa personalidade melancólica, masoquista, narcisista, todavia, faltava-lhe força, faltava-lhe caráter: “Até para o vício é preciso ter coragem, até para o mal era preciso ter alguma fibra. [...] eu ali estava em disponibilidade, sem coragem para o mal, sem coragem para o bem, os braços abertos na indecisão” (TELLES, 2010, p. 66).

A tentativa de metamorfose é feita por diversas vezes, Raíza tenta se transformar por meio da música, entretanto torna-se uma pianista frustrada. Tenta se entregar aos prazeres do sexo, aderindo à liberação sexual tão aclamada pelos jovens da sua época, porém o que sente sempre é vazio, solidão. Tenta a castidade e a religiosidade no intuito de seduzir o seminarista André, contudo não se contém e acaba por regredir à promiscuidade. Era preciso sair do casulo, mas para isso era necessário se libertar do luto, era imprescindível se libertar da melancolia: “Estamos saindo do casulo e essa é uma fase difícil, eu mesma retrocedo às vezes ao ponto de partida, perco a esperança, fico ruim de novo. Mas assim que o casulo se romper, temos que seguir em frente, com a coragem de não olhar para trás!” (TELLES, 2010, p. 120).

O rompimento do casulo se dá no momento em que Raíza se desliga da figura paterna, rompe as barreiras das lembranças ao ver em sua frente o espelho do sótão estilhaçado, ele era o objeto simbólico mais relevante que a ligava ao pai. Nesse romance, as águas e os espelhos constantemente são mencionados, eles surgem como os principais elementos simbólicos que vinculam a personagem principal ao luto e a melancolia, assim como são também indispensáveis para a constituição do seu eu.

3 Sobre águas e espelhos: os símbolos narcísicos na construção da personagem

A presença de águas e espelhos em *Verão no Aquário* proporciona uma análise simbólica da obra. O reflexo no espelho, por exemplo, figura como um elemento recorrente que nos remete ao mito de Narciso e abre-nos um caminho de leitura ao vasto campo do mito, enriquecendo, assim, a natureza da personagem Raíza.

Narciso, que perante a límpida água da fonte contempla a sua própria imagem e por ela se apaixona representa, segundo Cavalcanti (1992), o olhar do homem sobre si mesmo a partir do Outro; isso porque frente ao espelho cada um tem o seu duplo, isto é, o ser que contempla é ao mesmo tempo contemplado. Por meio do seu reflexo nas águas, esse herói mítico passa a ter consciência de sua dualidade a partir do momento em que ocorre a

revelação da sua imagem no Outro e da imagem do Outro em si. Há em Raíza essa recorrência de procurar a si mesma, de ver sua imagem no espelho e não reconhecê-la como sua, mas como reflexo dos pais ou o inverso: “Eu era o espelho da minha mãe, em mim ela se refletia de corpo inteiro” (TELLES, 2010, p. 89). Se em alguns momentos do romance Patrícia aparece como o duplo da protagonista, em outros vemos essa dualidade com Giancarlo: Raíza é a mãe, ela é Raíza ou Raíza é o pai e ele é ela; semelhante a Narciso e Eco, que como nos mostra o filósofo Gaston Bachelard (1997, p. 25), estão incessantemente um com ou outro.

Mas era no sótão que eu queria ficar, sentada ao lado do meu pai que para lá subia quando ficava cheirando a hortelã, ao lado de tio Samuel que se refugiava com sua loucura entre os móveis imprestáveis e caixotes de livros nos quais os bichos cavavam galerias. Era ali o meu lugar. E para certificar-me disso, bastava ver o espelho apoiado na parede, um espelho redondo todo cheio de manchas porosas como esponjas embebidas em tinta. Nele eu ficava amarela também, eu, meu pai, tio Samuel, todos da mesma cor do cristal doente, enfeixados no círculo da moldura dourada. Então meus olhos se enchiam de lágrimas porque eu tinha medo de que um dia o espelho se quebrasse e nos perdêssemos um do outro. Quem cuidaria do meu pai, delicado como uma folha murcha, dessas que caem no primeiro vento?! E do tio, balofo como um fruto que apodreceu antes de amadurecer, quem cuidaria dele, quem? No espelho, só no espelho eu via que fazíamos parte da mesma árvore, a árvore detestável que minha mãe aceitava em silêncio e que tia Graciana, distraidamente, fingia não ver (TELLES, 2010, p. 17).

Segundo Marques (2010, p. 225), em meio a tantos espelhos que aparecem em *Verão no Aquário* o do sótão da antiga casa da família é para Raíza “o que lhe devolve a imagem que ela mais aprecia”, ou seja, era naquele espelho que ela tentava se aproximar do seu eu genuíno. O espelho do sótão simbolizava a busca pela sua verdadeira identidade: “Lancei um olhar ao espelho da mesa de toalete. Eu teria que procurar minha imagem em outro lugar, lá em meio das manchas do espelho do sótão e que há anos me guardava intacta, como num retrato” (TELLES, 2010, p. 30).

Era através do espelho do sótão que Raíza mantinha incólume a lembrança do seu pai. Naquela superfície amarelada ambos permaneciam presos ao passado e ali ela conseguia manter o seu eu ideal, aquele eu da época em que era boa menina, que amava livremente porque não tinha em si tantas mágoas e frustrações. Contudo, esse espelho ao mesmo tempo em que a impulsionava na busca de si, também a mantinha presa ao seu duplo impedindo-a de conseguir a independência em relação à imagem do Outro. Independência essa que era motivada pelo o outro duplo da protagonista, ou seja, sua mãe. Nos diálogos com a filha, Patrícia deixa transparecer que a moça precisa amadurecer e encontrar a si mesma. Na analogia feita com os peixes do aquário na qual a heroína se identifica, podemos ver no discurso da mãe esse impulso:

Vou pedir à titia que vista uma roupa de fada e me transforme num peixe. Deve ser boa a vida de peixe de aquário – murmurei.

Deve ser fácil. Aí ficam eles dia e noite, sem se preocupar com nada, há sempre alguém para lhes dar de comer, trocar a água... Uma vida fácil sem dúvida, mas não boa. Não se esqueça de que eles vivem dentro de um palmo de água quando há um mar lá adiante.

No mar seriam devorados por um peixe maior, mãezinha.

Mas pelo menos lutariam. E nesse aquário não há luta, filha. Nesse aquário não há vida (TELLES, 2010, p. 137).

Ora, como afirma Cavalcanti (1992), o olhar da mãe é o primeiro espelho, é o olhar que confirma a existência do filho logo na infância. Assim, a imagem materna é de extrema relevância para o eu em formação, porque ela reflete segurança e dá subsídio ao filho para reconhecer suas próprias necessidades, uma vez que “o reflexo da mãe é fundamental e indispensável para o estabelecimento da identidade” (idem, p. 209).

Nessa identificação com os pais, Raíza passa pelo processo de autoconhecimento. Isso acontece porque contíguo ao processo de identificação incide também a diferenciação do eu por meio de dois processos antagônicos, isto é, o espelhamento e a frustração. Sobre isso, Cavalcanti (1992, p. 209) nos explica que no processo de espelhamento ocorre uma colaboração do Outro para a formação da imagem do eu; enquanto que a frustração faz o eu perceber os seus limites e meditar sobre eles. Ambos os processos são necessários para que o eu possa se autorrefletir e assim alcançar a sua independência. Segundo o crítico Fábio Lucas (1999, p. 72), para Raíza a sua autonomia incidiria em sair do aquário simbólico e assim “ganhar os amplos espaços da vida, seguindo, deste modo, os conselhos da mãe”; para tanto, ela precisaria mergulhar no mar em busca da sua autorrealização: “Estou me despedindo do meu aquário, mamãe, estou me preparando para o mar” (TELLES, 2010, p. 137).

A alusão às águas tão recorrente em *Verão no Aquário* também está intimamente ligada à constituição do eu de Raíza. Sejam da fonte, do aquário, do mar, da chuva ou simplesmente da torneira, as águas marcam cada momento da trajetória da personagem.

Como símbolo narcísico a água atua como espelho, o qual, conforme Bachelard (1997, p. 23), “serve para *naturalizar* a nossa imagem, para devolver um pouco da inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima”. Diferente dos outros espelhos, a água permite uma continuidade porque sua naturalidade sugere infinitas possibilidades. Nela nosso reflexo pode mudar a um simples toque das nossas mãos; nas águas também se pode mergulhar. No entanto, não é possível penetrar o espelho de vidro, ao tocá-lo somos impedidos pela sua estrutura rígida de prosseguir, visto que esses espelhos “dão uma imagem por demais estável” e, portanto, só “tornarão a ser vivos e naturais quando pudermos compará-los a uma água viva e natural, quando a imaginação *renaturalizada* puder receber a *participação* dos espetáculos da fonte e do rio” (idem, p. 24).

De tal modo, podemos entender que, em *Verão no Aquário*, Lygia parece ter consciência dessa renaturalização dos espelhos comuns. A heroína desse romance em alguns devaneios oníricos entra no espelho do sótão como se mergulhasse nas águas: “Corri na direção do espelho, entrei nele e encontrei meu pai e tio Samuel sentados num rolo de tapete” (TELLES, 2010, p. 77). Vemos aqui a concretização do que Bachelard (1997, p. 24) diz quando explica que “um poeta que começa pelo *espelho* deve chegar à *água da fonte* se quiser transmitir sua *experiência poética completa*”. Experiência essa que é muito bem explorada por essa escritora que escreve prosa como se fosse poesia.

Por conseguinte, percebemos que nesse episódio de adentrar no espelho, Raíza vai à busca de uma mudança em seu interior, de um renascimento. Porém, não era por meio desse espelho que emanaria a vida nova, afinal ele era sujo, amarelado pelo tempo. Como então, nessas águas sujas, ela poderia se purificar e nascer de novo? Era preciso uma fonte de águas claras, limpas para que o verdadeiro eu da personagem aparecesse. Era preciso ficar submersa como a catedral de Debussy, para depois voltar à superfície renovada, renascida.

A água que simboliza a essência da vida é também símbolo de purificação, de regeneração. Raíza em seu contato com as águas está sempre procurando a pureza que um dia tivera, a inocência que foi destruída pelo luto, pela melancolia. Fosse por meio do hábito de lavar as mãos, como se elas refletissem algum pecado, ou pela vívida lembrança da fonte que secara no dia da morte do pai, o desejo de renovação interior era profundo:

Abri a torneira da pia e pensei na fonte da minha infância, quando eu me estendia no chão, o livro aberto, ouvindo de olhos fechados o murmúrio da água, imaginando o que poderia fazer para fortalecê-la, ah! Meu Deus será que os outros também tinham notado que a minha fonte estava morrendo? Enquanto só eu soubesse poderia haver um milagre, hein?!... Mas a minha mãe também percebeu quando me disse calmamente, “Ela vai secar, Raíza”. Então corri para o sótão e fui abraçar o meu pai (TELLES, 2010, p. 64).

Aqui, novamente podemos observar que o grande obstáculo no caminho da protagonista é a lembrança constante do passado. Como símbolo do rejuvenescimento, a fonte faz Raíza “regredir a infância, encolher-se, ser ‘irresponsável como um feto’ ou minúscula como os peixinhos sem pecado, passeando na água limpa (MARQUES, 2010, p. 223). Mesmo que em alguns momentos Raíza afirme que vai ao encontro do mar, simbolizando a libertação do recôndito familiar o que acontece é exatamente o contrário, porque para ela “não é o mar que está em jogo, mas, ainda e sempre, o aquário” (idem). Entretanto, para a personagem era necessário encontrar o caminho certo, se descobrir e não se perder mais, assim como Narciso, Raíza precisava mergulhar na fonte. No mito, a fonte é o caminho para a consciência de si e do Outro. O mergulho do herói nas águas claras “significa a morte simbólica e o renascimento psíquico do ser diferenciado em outro nível de consciência” (CAVALCANTI, 1992, p. 223).

A morte simbólica e a consciência de individualização, ou seja, da descoberta de si como ser independente da imagem do outro, acontece para Raíza depois que ela se deixa purificar pela chuva e pela imersão nas águas. Essa imersão tanto para Bachelard (1997), quanto para Cavalcanti (1992) significa um novo nascimento do eu, um recomeço, pois ao passo que purifica a alma, também a transforma. O sentido do mergulho em busca de si é fazer com que o eu perceba-se diferente do Outro. Com esse gesto, Narciso se reconhece e passa também a conhecer o Outro.

Em *Verão no Aquário*, o ato simbólico do renascimento e da futura mudança da protagonista inicia ainda nos sonhos da personagem quando o espelho do sótão aparece constantemente sendo quebrado. A repetição dessa ação sugere o rompimento com os laços paternos para o desabrochar da nova Raíza. A ruptura acontece quando, por ocasião da morte de André, a chuva surge para lavar a alma da heroína e o velho espelho é estilhaçado libertando-a do duradouro luto pelo pai.

Na alusão feita a um domingo chuvoso no qual se celebrava a Ressurreição de Cristo, Raíza indaga se é possível voltar a viver em um dia de chuva. A resposta de Dionísia não podia ser mais sugestiva: “Precisa haver sol para a gente ressuscitar?”. Para a protagonista essa réplica era mais um caminho para o reencontro consigo: “Ela disse *a gente*. Fiquei em silêncio enquanto tomava café, deliciada ao pensar que gente como nós também podia ressuscitar com qualquer tempo” (TELLES, 2010, p. 155).

Entre chuvas, morte e espelho despedaçado, a jovem heroína, corroída pelo remorso e sentindo-se responsável pelo suicídio de André, busca o milagre maior que seria ela nascer outra vez: “Não mais as antigas paixões, as antigas dúvidas. Não mais o medo” (TELLES, 2010, p. 199). E surgem as águas, símbolo da vida que em contraste com a

morte libertam Raíza ao fazê-la superar o temor de si mesma e ter consciência da sua verdadeira essência, superando os conflitos com a mãe.

Mergulhei depressa na água. Molhei o rosto e só então pude encará-la. E ela não representava. [...] Provei da água: era rude mas quente o gosto do sal. Aninhei-me no fundo da banheira azulada, ouvindo as vozes de Dionísia e de tia Graciana.

[...] Quando saí da água tive um calafrio. [...] Parei na porta do escritório, minha mãe estava de costas diante da janela olhando o céu fechado. Senti que ela estava pensando nele e meu coração se apertou de dor. [...] Fui à sala e abri o piano. Queria afastá-la da janela, fazê-la voltar depressa antes que André a tomasse de novo e desta vez, para sempre. Os primeiros acordes me assustaram, inábeis, confundidos. Prossegui tocando até que a catedral subiu triunfante à superfície. Então consegui dominar o teclado, sustendo as torres mais altas na crista espumante das ondas. Veio-me uma alegria funda. Toquei com mais força. E voltei-me. Minha mãe estava atrás de mim, sentada no braço da poltrona (TELES, 2010, p. 210-211).

A purificação, o renascimento por meio das águas simboliza a maturação da jovem protagonista. Nos momentos finais da narrativa, Raíza tem a oportunidade de começar de novo e lhe é revigorado o prazer de viver; como a catedral de Debussy, o seu eu ressurge radiante, “o verão terminara”...

Conclusão

Nosso estudo, que teve como objetivo realizar uma leitura da obra *Verão no aquário*, com o foco na construção da personagem principal, Raíza, buscou fazer uma abordagem mais voltada para a psicologia da personagem a partir de conceitos da psicanálise sobre Luto e Melancolia na perspectiva freudiana; observando a cada momento de reflexão, o que afirma Régis (2009, p. 114) quando diz que as personagens lygianas “não se mostram prontas, modelares”, uma vez que elas “mudam de pensamento e de projeto de vida como fazem as pessoas na vida real”. Nesse trabalho, também foi possível uma análise simbólica da presença dos elementos água e espelho no romance, momento no qual trabalhamos a visão do filósofo Bachelard.

Assim sendo, partindo do título *Verão no aquário*, observamos a possibilidade de tecer vários comentários a respeito do mundo interior e exterior da personagem Raíza, seja físico (dentro ou fora de um determinado lugar) seja psicológico (dentro ou fora de si mesma). A criatividade do título sugere a ideia de uma vivência enclausurada, de um espaço que limita o ser da protagonista, porém também alude ao desejo de liberdade, de “romper o casulo”, de sair do estado de apatia característico do sujeito melancólico.

A narrativa em primeira pessoa reforça, ainda mais, a problematização psicológica da personagem que deseja contar a sua vida em um verão. A carga literária do fluxo de pensamentos de Raíza singulariza-a como uma personagem bem elaborada e aprofundada. Obviamente as outras personagens são ricas e também surpreendem o leitor com a peculiaridade de cada uma delas. Raíza, entretanto, merece nosso foco por sua complexidade, por dar ao leitor, como diz Candido (2002, p. 55), “a impressão da mais lídima verdade existencial”.

Portanto, vemos nesse romance que a escritora Lygia Fagundes Telles constrói a sua personagem habilidosamente de maneira a fazer o leitor interagir com as cenas do enredo, tornando-o um cúmplice da trama. Como nos mostra Régis (2009, p. 114), a romancista transforma-nos em “testemunhas dos conflitos, do pensamento e da fala” dessas personagens, fazendo-nos sentir “o intenso efeito da palavra”, e, assim como Raíza, somos instigados ao mergulho no nosso interior e transportados a um intenso “passeio pela subjetividade do espírito humano no constante redesenho da vida” (idem, p. 113).

Referências Bibliográficas

- 1] BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- 2] CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: _____, et al. **A personagem de ficção**. Perspectivas, 2002.
- 3] CAVALCANTI, Raíssa. **O mito de Narciso: o herói da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- 4] FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- 5] LUCAS, Fábio. **A ficção giratória de Lygia Fagundes Telles**. Cult – Revista brasileira de literatura, São Paulo, Ano II, n. 23, jun. 1999. Disponível em: <<https://journal.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17317/15886>>. Acesso em: 05 jun. 2013.
- 6] MARQUES, Ivan. A atração do abismo (posfácio). In: TELLES, Lygia Fagundes. **Verão no aquário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 7] RÉGIS, Sônia. **Uma geração esgarçada**. Ângulo; No 117/8 (2009). Especial: Faces do feminino. Disponível em: < <http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/view/265/222>>. Acesso em: 05 jun. 2013.
- 8] TELLES, Lygia Fagundes. **Verão no aquário** (1963). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.